

Adoção das Cadernetas Agroecológicas pelas mulheres indígenas Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca, Ceará.

Adoption of the Agroecological Booklets by Tremembé indigenous women from Barra do Mundaú, Itapipoca, Ceará.

NASCIMENTO, Lauriane Castro do¹; TAVARES, Flavia Cavalcante²; SCHNEIDER, Fernanda³.

¹ Indígena, estudante do curso de Agronomia, UNILAB, laurianetremembe@aluno.unilab.edu.br;

²técnica de projeto do Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à Trabalhadora- CETRA, flavia@cetra.org.br; ³ Docente do curso de Agronomia, UNILAB, fernanda.schneider@unilab.edu.br.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

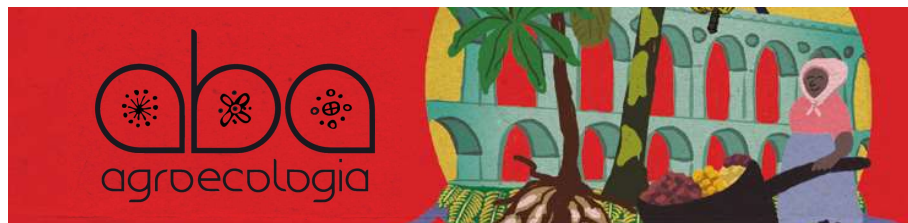
Resumo: As mulheres indígenas Tremembé da Barra do Mundaú - Itapipoca- Ceará protagonizam as diversas ações culturais, sociais e produtivas do território. Objetiva-se com esse processo, evidenciar a importância do trabalho das agricultoras indígenas, sua autonomia e protagonismo, mensurar sua fundamental participação na geração de renda, soberania e segurança alimentar e preservação da agro-sócio-biodiversidade. O trabalho consiste na reflexão crítica da aplicação das Cadernetas Agroecológicas com sete dessas mulheres, em parceria com o CETRA, através do projeto Território e Vida Tremembé, ocorrendo de março de 2023 a março de 2024. É possível destacar o predomínio das relações não monetárias, sobretudo, consumo e doação, evidenciando assim, a soberania e as relações de cuidado mútuo e solidariedade praticadas por essas mulheres que já conseguem compreender a importância do instrumento, não apenas para suas produções e diversidade de consumo dos alimentos, mas para todo o território.

Palavras-Chave: agroecologia; agricultura indígena; mulheres tremembé; segurança alimentar; autonomia.

Contexto

Para os povos indígenas, a forma de lidar com a terra, com a produção de alimentos e com sociobiodiversidade de forma harmoniosa e responsável, sempre regeu suas concepções e modos de vida, permeando, portanto, a agroecologia, que se constitui a partir de experiências como essas. Com o povo Tremembé não é distinguível, sua forma de produzir alimentos e compreender estes, perpassa a lógica nutricional, caminhando para conceitos ideológicos e culturais que fundamentam a identidade e sociabilidade do povo com o território.

A Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, está localizada no município de Itapipoca, litoral oeste do estado do Ceará, com área de 3580 ha, estando distante cerca de 170 km da capital Fortaleza. Desde 2002 o povo luta pela garantia de um território livre da exploração turística e da especulação imobiliária. O território



recentemente foi homologado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 26 de abril de 2023, essa conquista, podemos afirmar, que é fruto de luta e resistência protagonizada por duas lideranças mulheres que vem incansavelmente trabalhando para que os seus modos de vida, e suas existências permaneçam no território.

Nos diversos aspectos culturais, sociais e produtivos, são as mulheres indígenas Tremembé quem protagonizam as iniciativas das ações, demonstrando-se essenciais para a referida identidade no território. Muitos dos modos de plantar, cuidar, colher, selecionar sementes e processar os alimentos são perpetuados pelas mulheres, que têm fundamental importância na segurança alimentar e nutricional de suas famílias e na geração de renda.

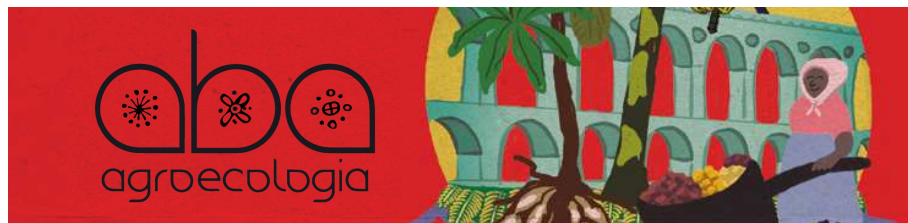
Elas que cuidam da terra, do alimento, da família e do povo, produzem arte e fortalecem a espiritualidade. Muitas das mulheres Tremembé estão organizadas no grupo “Cunhã Porã”, do tupi “mulheres bonitas”, por meio do qual fazem as articulações sociais, política e cultural, deste derivam os artístico-culturais-ritualísticos como: “Protegidas de Orixás” e “Defensoras da Mãe Terra”, ambos compostos apenas por mulheres que representam a força e protagonismo destas, toda a relação do povo com o território e suas cosmovisões.

Refletir sobre o trabalho nos quintais produtivos das mulheres Tremembé é, antes de tudo, compreender a Caderneta como um instrumento de luta e resistência de mulheres indígenas, de uma necessidade de valorizar os saberes ancestrais e constituir dados no campo acadêmico. Implicada na experiência, pois sou uma mulher indígena pertencente a este território e carrego muito deste protagonismo e forma de compreender as relações, trago os modos de vida e a luta por direitos e oportunidades, fortalecendo o diálogo com o território e a universidade.

Apesar da relevância, a agricultura praticada pelos povos indígenas é pouco discutida, menos ainda, a produção agrícola realizada pelas mulheres indígenas, que sempre foram pioneiras/revolucionárias antes mesmo dos conceitos de agroecologia e feminismo. A partir disso, nasce a proposição de aplicação das Cadernetas Agroecológicas com as mulheres indígenas Tremembé. Objetiva-se com esse trabalho, relatar o processo de sensibilização das mulheres à ferramenta político-pedagógica das Cadernetas Agroecológicas, além de evidenciar a importância do trabalho das agricultoras indígenas, sua autonomia e protagonismo, mensurar sua fundamental participação na geração de renda, soberania e segurança alimentar e preservação da agro-sócio-biodiversidade do território.

Descrição da Experiência

A Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca, Ceará, conta com cerca de 150 famílias indígenas e é dividida em quatro aldeias: São José, Munguba, Buriti do Meio e Buriti de Baixo, que contam com diversos ecossistemas e recursos naturais, como: manguezais, rio, córregos, dunas, matas, nascentes, tremedais e o mar, essenciais nos modos de vida das famílias.



A experiência das Cadernetas Agroecológicas com as mulheres Tremembé nasce de uma parceria com o projeto “Território e Vida Tremembé”, do Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à Trabalhadora- CETRA, financiado pela Manos Unidas, que objetiva promover a qualidade de vida do povo Tremembé, favorecendo a segurança alimentar/nutricional e o crescimento em autonomia de famílias indígenas chefiadas por mulheres (CETRA, 2023). O projeto atua na assessoria técnica e no fortalecimento de cultivos e criações animais geridas por mulheres através de fomento de quintais produtivos, bem como com intercâmbios, dias de campo, implementação de fogões ecológicos coletivos e aplicação de Cadernetas Agroecológicas, principal análise deste estudo.

Inicia-se com a adesão das mulheres na ação do projeto, seguido da caracterização dos agroecossistemas, dias de campo, formações, entre outros. A formação em agroecologia e segurança alimentar, realizado em formato modular, tem objetivo de refletir sobre os princípios agroecológicos como sensibilizar as mulheres indígenas na adoção das cadernetas agroecológicas (figura 1), apresentando experiência de outras agricultoras de comunidades rurais.



Figura 1: Formação em Agroecologia e debate sobre a adoção das Cadernetas Agroecológicas, realizado pelo Projeto Território e Vida Tremembé, março de 2023 | Fonte: Arquivo CETRA.

Destaca-se que esse processo de sensibilização e apresentação da relevância das Cadernetas na vida das mulheres, é um espaço de diálogo e de reflexão, sendo assim fica ao critério delas vivenciar ou não a experiência até então não ocorrida no território, ou em qualquer aldeia que se tenha conhecimento. Observamos, em seus relatos, que as mulheres indígenas compreenderam a importância do instrumento em suas vidas, porém consideraram que seria difícil por demandarem tantos cuidados, adotar as cadernetas em seu cotidiano, ainda assim duas destas aceitam iniciar o preenchimento (figura 2).

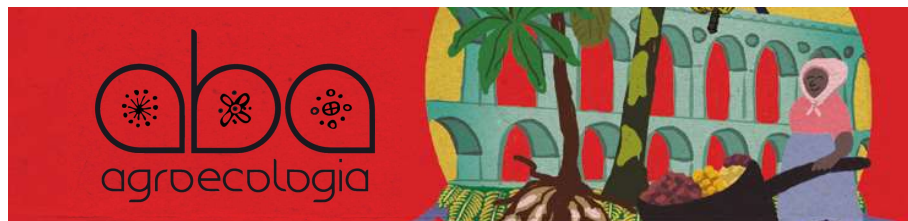


Figura 2: Aurinete Carneiro (Tita), uma das primeiras a adotar a caderneta agroecológica com cheiro-verde de seu quintal produtivo, junho de 2023 | Fonte: Arquivo CETRA.

Posteriormente, refletimos juntamente com a equipe técnica do CETRA que precisávamos fazer uma nova abordagem, afinal era um instrumental novo e desconhecido, compreendendo também a sobrecarga que estas mulheres têm em seus cotidianos, e o desafio que tem para sistematizar informações.

Deste modo, foi preparada mais uma reunião, que chamamos de reunião de animação. Desta vez com uma nova abordagem, o diálogo foi conduzido por Lauriane Tremembé, que apresentou a Caderneta Agroecológica como um instrumento de luta pelo território e o quão as agricultoras indígenas estão invisibilizadas, sobretudo, em documentos acadêmicos. Implicada na experiência, e compreendendo os desafios das mulheres, sete mulheres indígenas aceitaram praticar as cadernetas, que seguem com anotações diárias, e mensalmente podem verificar o quanto de produtos agroecológicos foram consumidos, doados, trocados e vendidos da propriedade.

Após a entrega, realizamos mais uma formação, agora somente com as 7 mulheres, para dialogar como pode ser feito o preenchimento, em que consiste e a importância da Caderneta Agroecológica para visibilizar seu trabalho enquanto agricultoras indígenas, e os desafios enfrentados. Desde a aplicação do instrumento, têm sido feitas visitas mensais nas residências das mulheres, com o intuito de dialogar sobre a experiência, possíveis dificuldades, bem como, para coletar os dados e realizar a tabulação e sistematização prévias.

No mês de maio foi convidada a agricultora Maria de Fátima dos Santos, conhecida como Dona Fafá, da comunidade de Jenipapo, Itapipoca, reconhecida nos movimentos de agroecologia e feminismo do campo agroecológico seu protagonismo e experiência, a mesma compartilhou sua experiência com a Caderneta e a importância que compreende o instrumento (figura 3), para que as mulheres indígenas pudessem visualizar um exemplo prático de uma outra agricultora e companheira de lutas.

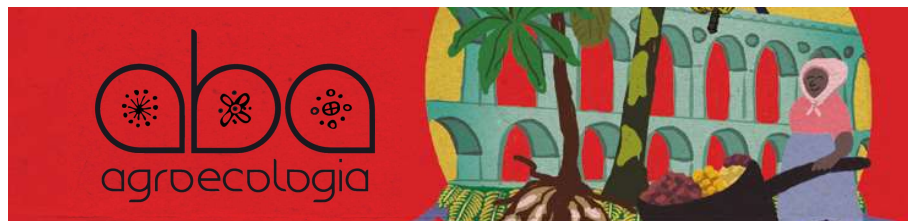


Figura 3: Compartilhamento da experiência da Caderneta Agroecológica com a agricultora Dona Fafá e as agricultoras indígenas, Itapipoca, Maio de 2023 | Fonte: Autora.

Há uma necessidade de que periodicamente sejam feitos momentos coletivos para animar as mulheres para seguirem com as anotações, utilizando de dinâmicas e oficinas. Assim como, aplicar o questionário socioeconômico, para compreender onde essas mulheres atuam na produção a partir da visão delas, e o mapa do agroecossistema e da sociobiodiversidade, detalhando sua área e enfatizando a divisão sexual do trabalho que envolve seu quintal produtivo. Atualmente a experiência se encontra na tabulação e sistematização dos dados, e posteriormente realizaremos uma análise coletiva com as agricultoras e todo o povo Tremembé.

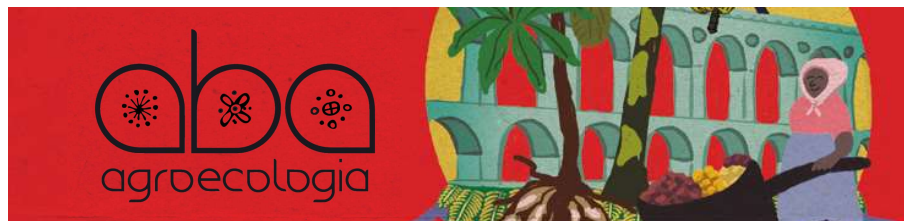
Resultados

Segundo Laetícia Jalil et al. (2021) “A Caderneta foi desenvolvida, de início, para ser uma ferramenta de formação para promover o empoderamento das mulheres, a partir da visibilidade do trabalho delas e sua importante participação na geração de renda da família”. Assim a Caderneta tem se mostrado um importante instrumento de dimensionamento e visibilidade da produção dessas mulheres.

Verifica-se com esta experiência a importância de diálogos e ações de sensibilização na adoção das Cadernetas com mulheres indígenas, que socialmente estão vulnerabilizadas pelas ameaças e conflitos que existem em seus territórios. Outra observação nas tabulações mensais e diálogos com as agricultoras, é que já conseguem compreender a importância do instrumento, não apenas para suas produções, mas para todo o território. Assim, a caderneta neste momento se apresenta como um instrumento não individual, mas coletivo sobre os modos de produção, saberes, sabores e geração de renda dessas mulheres.

Percebe-se que as agricultoras indígenas geram uma renda bastante significativa e uma ampla diversidade de produtos agroalimentares, como: milho, mandioca¹,

¹ A mandioca corresponde a uma das principais culturas cultivadas na terra Tremembé, por conta disso, anualmente, no mês de Julho, é realizada a festa da Farinhada, a fim de louvar e agradecer a mãe terra pelo alimento sagrado, e realizar coletivamente a produção de farinha, goma, tapioca, etc.



feijão, criações animais, frutíferas diversas e outros relacionados com a cultura alimentar Tremembé. Além disso, também se observa alguns produtos extrativistas, por exemplo: os frutos Murici e Batiputá², os peixes do mar, rio e córregos, crustáceos como siri e aratu e algumas partes de plantas para fins medicinais, tudo isso conforme os métodos de preservação ensinados pelos troncos-velhos (idosos), que entendem que somos parte da natureza e, portanto, não podemos feri-la. Importante citar também os produtos artesanais produzidos pelas mulheres indígenas, como a renda de bilro, realizada pela maioria dessas mulheres e outros artefatos característicos, como colares de sementes e brincos de pena.

Todos esses produtos garantem soberania e segurança alimentar e nutricional para as famílias, mas também fortalecem a identidade, cultura e ancestralidade do povo, que se entende parte da terra. Observando tais relações, dando ênfase àquelas econômicas, é possível destacar o predomínio das não monetárias, sobretudo, consumo e doação, em especial quando estão atreladas há festejos, rituais, e momentos coletivos, evidenciando assim, a soberania e as relações de cuidado mútuo e solidariedade que regem as concepções da vida nas aldeias. No caso das mulheres Tremembé, a venda corresponde, a alguns produtos específicos, como os derivados da mandioca, animais, alguns produtos extrativistas e o artesanato, enquanto a troca é a categoria com menor expressão.

Agradecimentos

Agradecemos as agricultoras Tremembé participantes da experiência e a todas as outras mulheres Tremembé da Barra do Mundaú- Itapipoca- Ceará. Ao Conselho Indígena Tremembé de Itapipoca - CITI. As lideranças Adriana Tremembé e Erbene Tremembé pelo apoio e inspiração. Agradecemos também ao CETRA pela parceria e demais envolvidas e envolvidos com este trabalho.

Referências bibliográficas

CETRA. **Território e Vida Tremembé**: fortalecendo a Segurança Alimentar e Autonomia Indígena. Cetra, Fortaleza-CE, 2023. Disponível em: <https://cetra.org.br/projeto/territorio-e-vida-tremembe-fortalecendo-a-seguranca-alimentar-e-autonomia-indigena/>. Acesso em: 27 Jun. 2023.

JALIL, Laeticia; CARDOSO, Elisabeth; RODY, Thalita. As Cadernetas Agroecológicas e a Construção do saber feminista. In: RODY, T.; TELLES, L. (orgs.) **Caderneta agroecológica**: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas. Viçosa, MG : Editora Asa Pequena, 2021.

² O povo Tremembé também realiza anualmente no mês de Janeiro, a festa do Murici e do Batiputá, isso porque o Murici é um fruto destinado para sucos, doces, e tem grande importância na economia das famílias e do Batiputá, é produzido um óleo com efeito medicinal e ambos têm importância ancestral. Portanto, a festa também é uma forma de louvação e preservação dessas duas espécies.